



5476 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A EMERGÊNCIA DE NARRATIVAS NA VOZ DAS MULHERES DO QUILOMBO DE PINHÕES

Débora Rodrigues Azevedo Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Shirley Aparecida de Miranda - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A EMERGÊNCIA DE NARRATIVAS NA VOZ DAS MULHERES DO QUILOMBO DE PINHÕES

RESUMO

A presente pesquisa pretende acessar as narrativas dos grupos de mulheres do quilombo de Pinhões sobre os ofícios considerados tradicionais realizados por elas e identificar os elos para que se construa o pertencimento quilombola de Pinhões. Consideramos que a construção de uma identidade quilombola reinveste de poder as tradições, e para compreender os objetivos propostos será necessário descrever as práticas sociais dos grupos de mulheres existentes no quilombo e analisar como elas são utilizadas para a transmissão do pertencimento. Como recurso metodológico serão realizadas entrevistas narrativas. A pesquisa contribuirá para o campo da educação, uma vez que entendemos os processos cotidianos de aprendizado e as relações das pessoas com o território como educativo. A revisão da literatura indicou lacuna em estudos que tratem de quilombos realizados por pesquisadores que se identifiquem como quilombolas, tal dado reafirma a relevância dessa pesquisa. Acrescente-se que as contribuições de uma pesquisa que proponha a inversão do foco e com isso, o reconhecimento do lugar de fala quilombola, com seus dilemas e desafios.

Palavras-chave: quilombo; identidade; mulheres quilombolas; educação quilombola

INTRODUÇÃO

Consideramos que o colonialismo suprime diversas formas de manifestações diaspóricas, uma vez que causam apagamento e silenciamento dos povos negros tradicionais. Afinal, como discute Boaventura SANTOS (2010, p.19), “o colonialismo, para além de todas as dominações porque é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados.”

As práticas sociais e culturais dos quilombos tendem a contribuir para a preservação de uma ancestralidade negra que resiste à opressão e à negação sistematicamente construída. Nesse sentido, argumentamos que os grupos de mulheres de Pinhões sustentam tradições que dizem de um processo de formação cultural no qual as relações podem reverberar porque, segundo Stuart Hall,

Não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (2013, p. 49)

É possível perceber que a rede de relações construídas na comunidade quilombola de Pinhões dizem de uma identidade cultural em que diversos quilombolas se reúnem para o desenvolvimento de práticas sociais também entendidas como tradições.

Partindo desse pressuposto, a busca das narrativas dos grupos de mulheres que tem uma agência de tradições em Pinhões ampara o levantamento dos seguintes questionamentos: O que significa tradição em Pinhões? O que pode ser entendido como pertencimento coletivo em Pinhões? Poderíamos levantar a hipótese de que as mulheres dinamizam uma linha de continuidade que faz com que o quilombo esteja em constante ligação conduzida através de suas práticas sociais, de cuidado, trabalho, religiosas?

Entender melhor quais são as tradições em Pinhões tornou-se fundamental, para indagar as narrativas que vêm sendo anunciadas em pesquisas acadêmicas sobre a comunidade, sobretudo após a certificação como remanescente de quilombos. Em que medida as pesquisas produzem (ou reproduzem) novas invisibilidades, quando nomeiam as práticas sociais tradicionais? Que práticas e que sujeitos aparecem nessa nomeação? Por que algumas mulheres são convocadas a falar e outras não?

Para lidar com essas questões consideramos a riqueza de conhecimentos conservados nos quilombos, que permite designá-los como referência de resistência, força e luta do nosso povo diante da escravização. Resistência esta que ancorou a permanência das comunidades em seu território com a preservação das práticas que perduram no tempo e que contribuem com a transmissão de conhecimento. Entretanto, não descuidamos de que

O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. (BHABHA, 2013, p.21).

Tais apontamentos nos convocam ao fato de que o sentido da tradição está nas relações de poder que a instituem como válida e importante. Isso começa a fazer sentido quando o reconhecimento como comunidade quilombola, a exigência trazida de superar os traumas da memória pela afirmação de existências, recolocam a importância de determinadas práticas, que ganham a designação de tradicionais. Ou seja, a tradição está na fronteira das relações de poder – o

reconhecimento interno e externo ao quilombo.

A observação dos grupos de mulheres nos despertou para várias indagações que reforçam os questionamentos acerca de possíveis invisibilidades que estão a serem produzidas no quilombo a partir de um silenciamento de algumas dessas mulheres nas pesquisas existentes. Considerando que essa pesquisa é conduzida por uma pesquisadora do próprio quilombo, outras questões emergem, como: A pesquisa produzida por alguém que é do quilombo pode revelar outros sistemas de autoridade? Pode então atribuir reconhecimento e visibilidade a outras tradições, memórias e narrativas? Não pretendemos, no entanto, deslegitimar as pesquisas anteriores, mas precisamos nos ater a possibilidade de que elas sejam incompletas e corremos o risco de desconsiderar os vários fios que tecem a existência em Pinhões e evidenciar que as narrativas únicas não podem ser mantidas. Entendemos que a mudança do lugar de enunciação pode evidenciar processos de ausências e silenciamentos insuspeitos, pode também revelar dinâmicas desconhecidas, ou inseridas em lógicas que não são partilhadas fora do quilombo e por isso, mais difíceis de acessar.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Acessar as narrativas dos grupos de mulheres do quilombo de Pinhões sobre os ofícios tradicionais que realizam e identificar os elos que elas vão possibilitando que se construa o pertencimento, ou seja, o que significa ser de Pinhões.

Objetivos específicos

1. Descrever e analisar, a partir de narrativas, práticas sociais dos grupos de mulheres existentes em Pinhões.
2. Compreender, através das narrativas mulheres quilombolas de Pinhões, como elas entendem o que é ser de Pinhões.
3. Descrever como os procedimentos educativos cotidianos podem ser utilizados para a transmissão do pertencimento.

METODOLOGIA

A pesquisa está voltada para a compreensão das práticas das mulheres, seu envolvimento e relação com o quilombo, e será desenvolvida no quilombo de Pinhões, na cidade de Santa Luzia, cidade colonial que está localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, onde inexistente a narrativa de uma descendência dos povos negros escravizados.

Os grupos de mulheres considerados para desenvolvimento da pesquisa na Comunidade Quilombola de Pinhões são: as parteiras, benzedeiras, lavadeiras, balaieiras, cozinheiras, paneleiras, doceiras, as professoras. É importante salientar que algumas tradições vão deixando de aparecer diante dos contextos e relações de poder econômicas que as destituem. Assim, a descrição da atuação destes grupos de mulheres no quilombo estará atenta à menção de grupos que já existiram na comunidade e que por algum motivo acabaram deixando de existir.

Serão selecionadas duas mulheres de cada grupo sinalizados e que compõem grupos de manifestações tradicionais ou culturais para a realização das entrevistas, de maneira a identificarmos como se percebem diante de suas práticas, como se dá sua relação de pertencimento com o território, reconhecimento e tensões.

Para o delineamento desta pesquisa serão feitas entrevistas narrativas, estas visam compreender e identificar através do discurso das interlocutoras diversas questões propostas no objetivo geral e específico deste projeto.

A pesquisa contribuirá para o campo da educação, já que compreendemos os processos cotidianos de aprendizado e as relações das pessoas com o território é educativo, pois mudamos e nos reeducamos nele, como podemos perceber com a transmissão de saberes através da oralidade. Nessa área que posso me situar com alguma propriedade, pois é sobre ela que estou me debruçando e trago diversas questões para delineamento desta pesquisa.

Tanto as práticas sociais tradicionais da comunidade, quanto a recente luta pelo reconhecimento como quilombola, todas essas ações dizem de uma educação que é transmitida no quilombo através da oralidade e fazem parte de um processo de educação popular e suas ações pedagógicas, conforme aponta Araújo(2008, p. 91).

É importante considerar que a pesquisa será realizada por uma pesquisadora quilombola da comunidade a ser pesquisada, o que responderia um anseio de retirar da invisibilidade grupos que normalmente não são acessados por pesquisadores de outras localidades, o que segundo Nilma Gomes (2010 apud SANTOS 1996)

Trata-se de uma produção do conhecimento e de uma postura acadêmica que procuram intervir. Uma produção que pode construir novos sujeitos, subjetividades e sociabilidades e superar o epistemicídio ou o assassinio do conhecimento próprio da cultura subordinada e, portanto, dos grupos sociais seus titulares (p. 504).

A interpretação da realidade investigada contará com as contribuições das próprias vivências quilombolas, isto é, a importância das narrativas pode estar na riqueza dos discursos, na oralidade e na observação para apreender nos detalhes observados. Consideramos que o pertencimento tende a contribuir com nossa proposta de pesquisa.

Nesse caso, nossa relação de pertencimento ao território, o conhecimento das experiências e até mesmo dos problemas, lutas e conquistas da comunidade, contribuirão fortemente para coleta de dados, com o desenvolvimento e delineamento da pesquisa (SILVA, 2012, p.103). Com essa perspectiva pretendemos confrontar narrativas produzidas por quilombolas e não quilombolas. Concordando com Bhabha (2013), destacamos que

O que é crucial nessa visão do futuro é a crença de que não devemos simplesmente mudar as narrativas de nossas histórias, mas transformar nossa noção do que significa viver, do que significa ser, em outros tempos e espaços diferentes, tanto humanos como históricos (BHABHA, 2013, p.403).

Esperamos com essa pesquisa contribuir com a emergência de narrativas sobre Pinhões que fortaleçam laços de pertencimento, contaminem práticas pedagógicas na escola do quilombo e viagem para novos encontros ancorando novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. F. A. Agostinha Cabocla: por três léguas em quadra. A temática quilombola na perspectiva global-local. 2008. 2017f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2008.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LEITE, Ilka Boaventura. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. In: ALMEIDA, A.W.B. de et AL. (Org.). Cadernos e Debates, Novas Cartografias Sociais: Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Universidade do Estado da Amazônia, 2010.

MARTINS, Bruno Sena. Violência colonial e testemunho: Para uma memória pós ?abissal. Coimbra, 2013.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje. História, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. (Orgs) Epistemologias do Sul. São Paulo; Ed. Cortez. 2010.

SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.